



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,58% São Paulo	101.915 29/11 30/11 01/12 02/12	R\$ 1.100	Na sexta-feira R\$ 5,679 (+0,35%)	29/novembro 5,610 30/novembro 5,635 1/dezembro 5,671 2/dezembro 5,660	R\$ 6,423	6,76%	Junho/2021 0,53 Julho/2021 0,96 Agosto/2021 0,87 Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25

INFLAÇÃO / Será a sexta vez que o BC não consegue atingir o objetivo anual determinado pelo Conselho Monetário Nacional, desde 1999. Em 2017, o piso foi rompido e, nas outras, o teto furou

Último Copom do ano terá clima de derrota

» ROSANA HESSEL

O Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, realiza a última reunião do ano, amanhã e quarta-feira, em clima de derrota no cumprimento da meta de inflação. Será a sexta vez na qual o BC, que tem como missão principal preservar o poder de compra do real, não consegue atingir o objetivo anual determinado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) desde o início do regime de metas, em 1999. Apenas em 2017, o piso foi rompido e, nas outras, o teto furou. E, segundo analistas, tudo indica que o mesmo vai acontecer em 2022.

A meta de inflação deste ano é de 3,75%, com limite superior de tolerância de 5,25%. Mas esse teto já foi superado no acumulado em 12 meses do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) desde março, quando somou 6,10% e o indicador não parou mais de subir. Naquele mês, o Copom iniciou o novo ciclo de alta da Selic (taxa básica da economia), que estava no piso histórico de 2% anuais, e tudo indica que deverá continuar os juros, pelo menos, até abril ou maio do ano que vem.

A Selic está em 7,75% ao ano e as apostas para a próxima reunião do Copom estão concentradas em uma alta de 1,50 ponto percentual, o que levará os juros básicos para 9,25% neste fim de ano. Antes, havia uma expectativa de que o choque monetário fosse maior (de, no mínimo, 1,75 ponto porcentual), porque as previsões para a inflação de 2022 indicam estouro do teto da meta, de 5%. Mas, como a conjuntura econômica não está favorável, o consenso convergiu para a alta sinalizada pelo BC na reunião de outubro. O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) indicando que o país entrou em recessão técnica — quando há dois trimestres negativos seguidos — e a chegada da nova variante da covid-19 ao Brasil ajudaram nessas projeções.

Por conta disso, especialistas acreditam que o BC não vai pesar muito nos juros para evitar uma recessão mais profunda. O consenso entre analistas após a divulgação do resultado do PIB do terceiro trimestre, na última quinta-feira, de queda de 0,1%, seguindo um recuo atualizado de 0,1% para 0,4% nos três meses anteriores, é que a economia está estagnada. Com isso, as revisões de crescimento do PIB deste ano abaixo de 5% e as apostas de queda do PIB em 2022, especialmente, se a Selic ficar acima de 11% ao longo do ano que vem, ganham mais força.

A inflação está persistente e acima de dois dígitos desde setembro. Especialistas reconhecem que vai ser um grande

desafio para a autoridade monetária conseguir cumprir a meta de inflação enquanto o governo dá sinais claros de deterioração fiscal ao fazer de tudo para aumentar os gastos em ano eleitoral. A mudança na regra do teto de gastos e o calote em dívidas judiciais com a aprovação da PEC dos Precatórios, que amplia em mais de R\$ 100 bilhões o espaço para o governo gastar, deterioraram as projeções do mercado e aumentaram as estimativas de alta do dólar. Mesmo assim, analistas acreditam que o BC será mais “dovish” na condução da política monetária, ou seja, termo derivado do pombo que classifica os bancos centrais mais lenientes com a inflação, elevando os juros gradualmente.

A mediana das estimativas do mercado para o IPCA de 2022, coletadas pelo BC no boletim Focus, está em 5%, mas analistas admitem que a carestia no ano que vem vai superar esse patamar, porque a inflação não deverá ceder tão facilmente. “A inércia inflacionária vai fazer com que o IPCA fique acima de dois dígitos, pelo menos, até abril ou maio”, alerta o economista-chefe da JF Trust Gestora de Recursos, Eduardo Velho. Pelos cálculos dele, mesmo se a Selic for a 12% no primeiro trimestre de 2022, o IPCA ficará perto de 6% em dezembro.

“A indexação elevada da economia faz com que a inflação estrutural seja elevada, e, para 2022, ela está acima de 4%, sem incluir os impactos de reajustes em tarifas, aluguéis e salários que devem ocorrer ao longo do próximo ano”, destaca Velho, que prevê alta de 1,5 ponto percentual nos juros. Ele reconhece que a atividade mais fraca vai pesar na decisão do colegiado, porque, além da queda do PIB do terceiro trimestre, outro sinal preocupante recente da atividade foi o recuo de 0,6% na produção industrial de outubro, que não era esperado pelo mercado na sexta-feira.

Credibilidade

Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), prevê que o IPCA deverá encerrar o ano de 2022 entre 6% e 6,5%, e, para ele, a única saída para o BC será mudar a meta de inflação, que é decrescente e será muito difícil de ser cumprida. Para Velho, entretanto, uma mudança de meta de inflação acabará com o último resquício de credibilidade do governo, que já mudou a regra do teto quando viu que ela não seria cumprida. “É muito arriscado mudar a meta de inflação. Será um sinal muito ruim para o mercado e fará com que os prêmios de risco para os títulos públicos aumentem ainda mais, encarecendo a

Escalada

Na última reunião do ano do Copom, Banco Central vai elevar a Selic para o mesmo patamar de julho de 2017



Histórico do regime de metas

Neste ano, o Banco Central descumpriu a meta de inflação pela sexta vez desde o início do regime, em 1999

Ano	Meta	Banda (p.p.) (% ao ano)	Piso-Teto (% ao ano)	IPCA (% ao ano)
1999	8,00	2,00	6,00-10,00	8,94
2000	6,00	2,00	4,00-8,00	5,97
2001	4,00	2,00	2,00-6,00	7,67
2002	3,50	2,00	1,50-5,50	12,53
2003*	3,25	2,00	1,250-5,25	
	4,00	2,50	1,50-6,50	9,30
2004*	3,75	2,50	1,25-6,25	
	5,50	2,50	3,00-8,00	7,60
2005	4,50	2,50	2,00-7,00	5,69
2006	4,50	2,00	2,50-6,50	3,14
2007	4,50	2,00	2,50-6,50	4,46
2008	4,50	2,00	2,50-6,50	5,90
2009	4,50	2,00	2,50-6,50	4,31
2010	4,50	2,00	2,50-6,50	5,91
2011	4,50	2,00	2,50-6,50	6,50
2012	4,50	2,00	2,50-6,50	5,84
2013	4,50	2,00	2,50-6,50	5,91
2014	4,50	2,00	2,50-6,50	6,41
2015	4,50	2,00	2,50-6,50	10,67
2016	4,50	2,00	2,50-6,50	6,29
2017	4,50	1,50	3,00-6,00	2,95
2018	4,50	1,50	3,00-6,00	3,75
2019	4,50	1,50	2,75-5,75	4,31
2020	4,00	1,50	2,50-5,50	4,52
2021	3,75	1,50	2,25-5,25	10,15**
2022	3,50	1,50	2,00-5,00	5,00**
2023	3,25	1,50	1,75 - 4,75	3,42**
2024	3,00	1,50	1,50 - 4,50	3,10**

* A Carta Aberta, de 21/1/2003, estabeleceu metas ajustadas de 8,5% para 2003 e de 5,5% para 2004

** Mediana das previsões do mercado computadas no boletim Focus do Banco Central no último dia 26

Obs.: Nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2015, a meta foi descumprida porque a inflação estourou o limite superior e em 2017, porque rompeu o piso.

Fonte: Banco Central

dívida pública”, alerta.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, manteve a previsão de alta de 1,50 ponto percentual na Selic no próximo Copom e não descarta que o cenário de estagnação — de baixo crescimento, inflação e desemprego elevados. “Creio que o Banco Central não vai acelerar a alta agora, por conta dos sinais de atividade mais fraca. A dúvida fica clara sobre o ponto de chegada da Selic. Ainda mantemos 11,75% (no fim do ciclo), pois a inflação não tem dado sinais de que vai arrefecer, especialmente, lembrando que 2022 vai ser um ano político tenso e com o dólar elevado ao longo do próximo ano”, afirma.

Luis Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco Alfa, conta que também manteve a previsão para a Selic

em 9,25% no fim do ano. Ele acredita que os juros básicos chegarão a 11% em março. “O foco principal do BC continuará sendo a inflação, mas ele vai seguir aquela máxima de que para matar o carrapato não precisa colocar fogo na vaca”, afirma.

Apesar de também apostar em alta de 1,50 ponto percentual na Selic no próximo Copom, José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, avalia que o BC vai adotar uma política monetária “dovish” e abandonar a meta do ano que vem, porque não conseguirá trazer a inflação de 2022 para menos de 5%. Ele não descarta a possibilidade de o dólar passar de R\$ 6 no ano que vem, por conta da deterioração fiscal, que acaba dificultando o trabalho do BC no controle da inflação.

Sem decolagem

O ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a falar que o PIB está decolando e disse que os temores do mercado de descontrole das contas públicas são “conversa fiada”. Para analistas, Guedes vive em um “mundo paralelo”, desconectado da realidade.

“Não existe retomada em V de verdade da economia, sim, um crescimento medíocre. O PIB perdeu o fôlego e não voltou ao patamar do quarto trimestre de 2019. A desaceleração está mais intensa e o crescimento de 1,1% nos serviços não foi suficiente para compensar a queda da agricultura e a estagnação da indústria”, afirma Sílvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). Ela destaca que o Brasil tem um problema estrutural muito sério para crescer e não comporta taxas elevadas para o PIB. “Se o país estivesse crescendo mesmo, estaríamos falando de racionamento de energia. Por isso, a economia não consegue decolar muito, porque não tem combustível. E sem uma boa infraestrutura de energia, não vai conseguir crescer”, alerta.

Aliás, um dos fatores que devem travar o crescimento do PIB no ano que vem e ajudar nas previsões de PIB negativo será justamente a Selic em dois dígitos. Pelas estimativas do economista-chefe do Banco Fator, José Francisco Lima Gonçalves, em 2022 — que prevê queda de 0,2% no PIB do próximo ano —, a Selic encerrará o ano em 12%, “se não acontecer nada”.

“Este país é meio temperamental e é difícil fazer projeções em um ano eleitoral. Com essa nova variante, vamos voltar para um nível de incerteza que não é igual ao de março deste ano, mas pode ser pior, dependendo do impacto da Ômicron, porque haverá menos atividade na economia”, admite Gonçalves. Ele adianta que o PIB do quarto trimestre será “muito ruim”, podendo registrar taxas entre -0,5% e -1%, confirmando uma nova recessão em curso. “O Banco Central está sozinho e precisa cumprir os objetivos da política monetária. Ele passou a olhar a meta de 2023, mas tudo indica que essa meta também poderá não ser cumprida”, complementa. (RH)



Tem sempre uma obra perto de você.

Viaduto do Recanto das Emas

